

A SUPERAÇÃO DE DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DAS UNIDADES DE APRENDIZAGEM

Carla Barbieri

PUCRS - Porto Alegre, RS

Resumo

Neste artigo pretende-se defender a idéia de que é possível superar desafios na medida em que se constrói *Unidades de Aprendizagem* (U.A). Será definido inicialmente o conceito da expressão referida, sendo, logo a seguir, demonstradas as etapas de sua construção. Por fim, serão relatados os possíveis desafios a serem superados durante a elaboração de uma U.A.

Descritores: Unidade de Aprendizagem; Construção do Conhecimento; Desafios.

Introdução

O planejamento de Unidades de Aprendizagem estrutura-se na possibilidade de construção do conhecimento. Organizar aulas mais dinâmicas e criativas, com a participação dos alunos, para que seja criado no ambiente da sala de aula a possibilidade de construção de conhecimento é o objetivo principal daqueles que utilizam as U.A. como método de ensino.

A U.A. é um método que auxilia o professor a organizar suas aulas de forma mais ampla e interessante. A mesma coloca alunos e professor em movimento constante durante sua construção, pois exige a participação efetiva de ambos ao longo desse processo. Essa contribuição professor/alunos mostra-se presente desde a escolha do tema que será o centro do estudo, passando pelo levantamento de questões iniciais, até o desenvolvimento das atividades que contemplarão as dúvidas apontadas.

Durante a construção da U.A. poderão surgir alguns desafios, tais como: planejamento coletivo, envolvimento com o trabalho e questões relativas ao vestibular. Esses devem ser analisados com clareza e discernimento para que busque-se, então, alternativas para superá-los.

As U.A. tem como pressuposto básico a pesquisa. Através dela pode-se verificar lacunas no conhecimento e encaminhar sua superação através de buscas. Partindo dessa idéia é que irá defender-se a idéia de que é possível superar desafios durante o planejamento das U.A.

Definição da Unidade de Aprendizagem

Iniciar essa análise definindo o que é uma “Unidade de Aprendizagem” é fundamental, pois toda argumentação desse artigo está alicerçada na compreensão desse conceito.

A U.A. é um conjunto de idéias, pressupostos e valores que auxiliam a estruturação da dinâmica da sala de aula (Galliazzi, 2002). Dito de outra maneira: é uma forma de planejar as aulas. Por trás da idéia de U.A. existe uma visão construtivista acerca da educação, do ensinar e do aprender. Nesse sentido, deve-se compreender a aprendizagem, mediada pelo professor, como um processo que ocorre através do envolvimento ativo dos alunos na construção de seu conhecimento, sendo esse um elemento básico para quem se aventura na construção de uma U.A.

Com a construção de uma U.A. pretende-se estruturar aulas mais dinâmicas, que atendam os anseios de construção de conhecimento dos alunos e dos professores. Para Galliazzi (2002) a construção da U.A. pretende “superar o planejamento linear e sequencial apresentados nos livros didáticos” (Galliazzi, 2002, p.1). Além disso, a aplicação da U.A. permite que os fenômenos sejam investigados em sua essência para serem compreendidos em sua complexidade.

Através dos livros didáticos, principalmente aqueles utilizados na rede particular de ensino, é possível identificar conteúdos selecionados para serem estudados ordenadamente. Nesse contexto, em que a previsibilidade de temas supera a criatividade educacional, a U.A. propicia a superação da linearidade dos conteúdos definidos pelos livros didáticos e currículos escolares. Além disso, possibilita a feitura de uma abordagem ampla e irrestrita de temas mais pertinentes e com enfoques adequados às expectativas dos alunos e professores.

A construção da U.A. deve partir do pressuposto de que o conhecimento é construção (Becker, 1994). Pode-se pensar, então, que as salas de aula possibilitam a construção de conhecimento, não só do aluno, mas também a do professor.

A escolha de um tema, amplo e de interesse de todos, é o primeiro passo para a construção de uma U.A., pois servirá de eixo norteador do trabalho.

A escolha dos conhecimentos que serão trabalhados deve ser coletiva. Sendo assim, é necessário saber o que julgamos importante que eles aprendam, e o que eles crêem ser importante aprender. Para tanto, é essencial motivá-los a perceber quais as lacunas de seus conhecimentos. Essa etapa pode ser realizada através de um levantamento inicial de questões, que, além de encaminhar a construção da U.A., valoriza o conhecimento inicial do aluno como ponto de partida para o trabalho.

Após alunos e professores terem levantado as questões de interesse, o momento seguinte deve ser dedicado à categorização dessas questões para que se construa um mapa conceitual a respeito do tema.

A categorização das questões é extremamente útil: encaminha as atividades que serão desenvolvidas durante o trabalho e tem a qualidade de promover uma reflexão sobre os conceitos iniciais do professor acerca de temas importantes. Acima de tudo a U.A. visa primar pela aprendizagem dos envolvidos no processo de sua construção; logo, isso remete a reconstrução de saberes do professor. Esse processo de questionamento reconstrutivo (Demo, 2000) valoriza e qualifica o trabalho do professor que deve ser pesquisador em sua essência (Ramos, 2000).

Valorizar a pesquisa como pressuposto e conscientizar-se quanto a necessidade constante de reconstrução do conhecimento são prerrogativas para que se atenda às necessidades de uma realidade construída (Moraes, 2002). Desse modo, projeta-se que a busca de respostas para algumas lacunas no conhecimento passe a ser uma constante para reconstruir alguns argumentos que se julgue insuficientes.

O planejamento das atividades de uma U.A. deve levar em consideração, afora as dúvidas dos alunos, o tempo disponível pelo professor e os recursos oferecidos pela escola.

Uma questão muito pertinente a ser considerada, durante o planejamento das atividades, é a forma de como avaliar os alunos. Dentro da proposta da U.A. prioriza-se importância significativa às produções escritas, debates e outras formas que demonstrem o envolvimento dos alunos nas atividades.

A etapa final de construção da U.A. é sua avaliação. A partir da análise que se realiza sobre a construção e execução da Unidade, é que se pode repensá-la para reconstruí-la, realizando as mudanças que se fazem necessárias para a melhoria da dinâmica da sala de aula.

Galliazzi (2002) lembra que sua construção é flexível, dinâmica e investigativa. Portanto, uma U.A. nunca estará pronta, uma vez que a realidade é construída por todos a

todo o instante. Partindo das experiências, reflete-se sobre elas para verificar o que não foi feito e o que ainda pode ser feito.

Pode-se questionar: “Construir o planejamento das aulas junto com os alunos? Perguntar para eles o que gostariam de saber? Deixar de utilizar a seqüência de exposição do livro? Será que eles vão gostar de trabalhar assim? De que forma os alunos enfrentarão o vestibular?” Essas são algumas das perguntas que se apresentam desafiando a proposta das U.A.

Desafios a serem superados

Este momento dedica-se a analisar possíveis desafios a serem enfrentados. Questões como construção coletiva do planejamento, interesse do aluno à nova proposta, vestibular e aplicação da U.A. serão abordadas a partir de agora.

A construção coletiva do planejamento das aulas dependeria muito tempo? Acredita-se que uma construção que abranja muitas idéias de muitos sujeitos é mais trabalhosa, “gastando-se” mais tempo. Porém, pode significar muito mais para todos, pois os sujeitos envolvidos no processo de planejamento tem suas idéias lembradas, valorizadas e utilizadas.

Pode-se, ao invés de chegar no primeiro dia de aula com todo o programa de desenvolvimento do conteúdo, dos trabalhos e das provas, pronto, propor que os estudantes ajudem os professores a construí-lo. É importante esclarecer que, da mesma forma que os professores, os alunos não devem decidir tudo sozinhos, pois não acredita-se na visão apriorista acerca da educação. Para Becker (1994):

“Não é possível atribuir ao aluno qualidades que ele ainda não tem, tais como: domínio do conhecimento sistematizado em determinada área, capacidade de abstração suficiente, especialmente na área de atuação específica do professor, domínio de informações devidamente organizadas, além é claro do domínio das didáticas.”(Becker, 1994, p.31)

Não se está sugerindo que os alunos planejem sozinhos as aulas, mas que contribuam com seus conhecimentos prévios, suas dúvidas e seus anseios na construção de um trabalho mais significativa para todos.

Além disso, não pode-se fechar os olhos à organização pedagógica das escolas. O que se está sugerindo é que dirija-se um olhar diferenciado aos conteúdos a serem trabalhados e à dinâmica das aulas.

Ter em consideração o que o aluno pensa, o que ele gostaria de saber, é uma forma de possibilitar seu envolvimento de maneira muito mais ativa no trabalho da sala de aula.

Será que os alunos gostam de trabalhar com as U.A.? Inicialmente a construção das U.A. pode causar algum desconforto aos alunos. Sair da condição de receptores de informações fornecidas pelo professor e transformarem-se em autores da construção de seu conhecimento não é simples. Deixar de copiar e decodificar mensagens comunicadas através de símbolos fornecidos pela linguagem, e passar a construí-las utilizando a linguagem como mediação entre sujeitos e objetos (MORTIMER e MACHADO, 1996) não parece ser muito fácil.

Neste momento é importante o professor entender que por ser uma proposta nova, dinâmica, e que requer a participação ativa e efetiva dos sujeitos envolvidos, pode não agradar a todos. Alguns alunos gostam, outros, nem tanto. Alguns podem preferir “aula no quadro, em que tem que copiar”. Certa vez uma aluna considerou: “Não entendi nada neste bimestre”. Outra manifestou que “parece que eu tenho que aprender sozinha”.

Chama-se atenção para esse último depoimento. Acredita-se que o meio favorece o aprendizado. Porém, o aluno só aprende se quiser. Crê-se que o papel do professor é mediar o processo de aprendizagem, proporcionando um ambiente que valorize as interações com os

sujeitos e incentive as buscas e os confrontos respeitosos de argumentos. Mas esse tipo de atitude não garante a aprendizagem do aluno. O *querer aprender* é fundamental. O fato de um aluno questionar o professor e não receber a resposta pronta, tem a intenção da busca que o aluno deve fazer para construir sua resposta, sempre acompanhado do professor. Isso caracteriza a aprendizagem. Assim como há os que são resistentes à nova proposta, encontram-se alunos que demonstram interesse pela dinâmica proposta enfatizando que “dá para entender o que acontece em casa aqui na sala de aula”. Outro aluno manifesta que “a aula não fica cansativa, a gente está sempre fazendo coisas”. A partir desses depoimentos percebe-se que esses alunos querem se envolver, participar da construção das aulas.

Outra questão a ser superada é a idéia de que só obtém aprovação no vestibular os alunos que memorizam todo o conteúdo de química, e das outras disciplinas do Ensino Médio, através de aulas tradicionais do tipo *copia/decora*. É raro o professor que hoje não tem a cobrança da escola, dos pais e dos próprios alunos em relação aos conteúdos que “caem” no vestibular. A construção da U.A. pode e deve se preocupar com os conteúdos do vestibular, pois são criadas durante sua construção situações que permitem que os alunos compreendam os fenômenos e não simplesmente decorem. Estar consciente das dificuldades que enfrentaremos ao construir uma U.A. é condição básica para seu desenvolvimento.

Outras considerações que pretende-se fazer são relativas às questões operacionais da U.A. O professor que pretende aplicar uma Unidade deve ter consciência que a movimentação dos alunos durante as aulas é totalmente diferente das aulas tradicionais. Deve estar preparado para ouvir muitas vozes, muitas delas envolvidas com a proposta, outras nem tanto. Quando damos voz a todos os alunos precisamos ouvir a todos. Alunos debatendo entusiasmados, perguntando o que é mesmo que se faz depois da atividade, são situações que podem ser vivenciadas ao longo do trabalho.

Considerações Finais

Qualificar sempre a dinâmica de sala de aula. Promover aprendizagens significativas. Oportunizar o diálogo, a leitura e as produções escritas. Essas são, sem dúvida, as metas de quem acredita na educação. A U.A. vem ao encontro delas no sentido de promover a reflexão de professores e alunos para que repensem sempre suas práticas. O pressuposto da U.A. é a pesquisa, que deve ser atitude cotidiana no professor e no aluno (Demo, 2000), trazendo consigo a oportunidade de reconstruir o conhecimento com método e consciência.

As Unidades de Aprendizagem possibilitam a construção do conhecimento com qualidade formal e política (Demo, 2000), e promovem uma reflexão intensa nos sujeitos que realmente se envolvem em sua construção e execução, no sentido de repensar valores e atitudes.

Uma Unidade de Aprendizagem não deve ser considerada, de forma alguma, como um modelo a ser seguido, mas sim uma referência. Professor e alunos, através de suas realidades, devem construir sua Unidade contemplando seus anseios, tempo e recursos. Cabe a cada professor encontrar seu tempo e espaço para oportunizar o *aprender a aprender* (Demo, 2000) a seus alunos e a si próprio.

Bibliografia

DEMO, P. *Educar pela Pesquisa*. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2000 [1996].

BECKER, F. Pensando a construção do Conhecimento. *Melhoria do Ensino e capacitação docente: programa de atividades de aperfeiçoamento pedagógico*. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 1996.

GALIAZZI, M. do C. *Construindo Unidades Didáticas*. Mimeo. 2002.

MORAES, R. *Educar pela Pesquisa: exercício de aprender a aprender*. Mimeo. 2002.

RAMOS, M. G. Os significados da pesquisa na ação docente e a qualidade no ensino. *Educação: Educação e ciência e questões afins*. Porto Alegre: EDIPUCRS/Faculdade de Educação, n 40, abr. 2000.

MORTIMER, E. F.; MACHADO, A. H. *As linguagens na sala de aula de química e as ciências*. Caderno de resumos e anais do VIII Encontro Nacional de Ensino de Química. Campo Grande: Editora UFSM, 1996.